

<http://dx.doi.org/10.21707/gaia.v10.n04a02>

## A RESERVA EXTRATIVISTA DO BATOQUE:

### O PASSADO E O PRESENTE NA CONSTRUÇÃO SOCIOAMBIENTAL DO TERRITÓRIO

MARIA DA CONCEIÇÃO MOTA REBOUÇAS DEPREZ<sup>1</sup>; EDSON VICENTE DA SILVA<sup>2</sup> & MAARTEN LUC ROSA DEPREZ<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento e Meio ambiente - PRODEMA da Universidade Federal do Ceará.

<sup>2</sup> Professor-doutor do Departamento de Geografia da UFC. Vinculado aos Programas de Pós-Graduação em Geografia / UFC e Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente – PRODEMA. E-mail: cacauceara@gmail.com.

Recebido em 12 de março de 2015. Aceito em 23 de maio de 2016. Publicado em 30 de setembro de 2016.

**RESUMO** – O presente texto é fruto das análises construídas no processo de vivência-pesquisa realizado com a comunidade que reside na Reserva Extrativista do Batoque, localizada no município de Aquiraz, no estado do Ceará, no período de junho de 2014 a março de 2015. O trabalho desenvolvido com os agricultores familiares e pescadores artesanais pretendeu investigar a relação entre o passado e o presente na construção socioambiental do território. A produção textual é feita a partir da interpretação das histórias orais relatadas durante a pesquisa. Estes relatos e memórias da população local colaboraram para a compreensão de como a comunidade do Batoque interage e percebe as mudanças ambientais do ambiente que vivência diariamente. Para estudá-los intimamente foi imprescindível conhecer e interpretar o funcionamento dos processos de produção e reprodução de conhecimento, a percepção das mudanças ambientais e as características culturais do povo no território que habitam. O poder de uso e ocupação pela comunidade foi conseguido a partir de uma história de luta guardada na memória coletiva das pessoas. Portanto, foi importante investigar as relações sócio-culturais deste povo com o seu território e as formas de apropriação e defesa dele ao longo da história. Para se estudar o território do Batoque foi preciso uma abordagem histórica, que trata do contexto específico em que surgiu e foi continuamente reafirmado.

**PALAVRAS CHAVE:** AGRICULTORES; PESCADORES; TERRITÓRIO; POPULAÇÃO TRADICIONAL.

#### THE EXTRACTIVE RESERVE OF BATOQUE: THE PAST AND PRESENT IN THE SOCIO-ENVIRONMENTAL CONSTRUCTION OF THE TERRITORY

**ABSTRACT** – The present article springs from analyses made in the process of living and researching in the community of the Extractive Reserve of Batoque, located in the Aquiraz municipality of the state of Ceará, Brazil, in the period of June 2014 to March 2015. The research carried out mainly with traditional farmers and fishermen, aims to investigate the relationship between the past and the present in the socio-environmental construction of the territory. The narrative is constructed on the basis of the interpretation of histories collected through open interviews. These accounts of the local population's memories helped to understand how the community of Batoque interacts with and perceives the environment it lives in close contact with. To study this traditional population, it has been indispensable to learn about the processes of production and reproduction of knowledge, the perception of environmental changes, and the cultural characteristics of the population. The community's rights to occupy and utilize its territory have been consolidated only after a long history of struggle, stored in collective memory. It has proven important to investigate the social use these people have made of their territory and how they have appropriated and defended it historically.

**KEY WORDS:** FARMERS, FISHERMEN, TERRITORY, TRADITIONAL POPULATIONS

#### LA RESERVA EXTRACTIVA DEL BATOQUE: EL PASADO Y PRESENTE EN LA CONSTRUCCIÓN SOCIOAMBIENTAL DEL TERRITORIO.

**RESUMEN** – Este texto es el resultado del análisis construido en proceso de experiencia-investigación llevada a cabo con la comunidad que reside en la Reserva Extractiva del Batoque, situada en el municipio de Aquiraz, Estado de Ceara, en el periodo comprendido entre junio de 2014 y marzo de 2015. El trabajo desarrollado con las familias de agricultores y pescadores, fue destinado a investigar la relación entre el pasado y los eventos que ocurren en la presente construcción socioambiental del territorio. La producción textual se hace de la interpretación de las historias orales contadas durante la investigación científica. Estas historias y recuerdos de la gente local contribuyeron a la comprensión de cómo la comunidad del Batoque interactúa y se da cuenta de los cambios ambientales en el medio ambiente de la experiencia diaria. Para estudiar de cerca esta población tradicional era esencial conocer e interpretar cómo los procesos de producción y reproducción del conocimiento, cómo se perciben los cambios ambientales y cuáles son las características culturales de la población en el territorio que habitan. El poder de uso y ocupación de la comunidad se logró a partir de una historia de lucha almacenada en la memoria colectiva del pueblo. Por lo tanto, era importante investigar lo que el uso social que estas personas le dan a su territorio y, históricamente, cuáles fueron las formas de propiedad y su defensa.

**PALABRAS CLAVE:** LOS AGRICULTORES; PESCADORES; TERRITORIO; POBLACIÓN TRADICIONAL.

## INTRODUÇÃO

Analisar uma comunidade tradicional a partir da perspectiva de território permite compreendê-la sob diferenciados aspectos que estão intimamente relacionados com os modos de vida locais, a cultura, o trabalho, manejo dos recursos naturais, relações sociais, tradições–costumes e religião. Estes princípios e valores são fundamentais para a condição de existência e para a manutenção da qualidade de vida destas comunidades (Diegues 2001, 2002; Posey 1983; Stevens 1997; Haesbaert 2004, 2007).

Partindo da temática brevemente desenhada, esta pesquisa teve a intenção de fazer uma descrição interpretativa de uma comunidade tradicional – a Reserva Extrativista do Batoque – a partir do contexto de saberes locais, modos de vida e relação com o meio ambiente na construção do seu território. Este artigo apresentado corresponde parte do resultado da dissertação intitulada *Território Livre: o passado e o presente na construção socioambiental da Reserva Extrativista do Batoque, Aquiraz, CE*, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente-PRODEMA da Universidade Federal do Ceará, no ano de 2015.

Um conceito amplamente abordado e que serviu de base teórica para construção desta pesquisa é o de território. Muitas abordagens de estudo do território estão centradas no espaço físico, domínio da terra e nas suas relações de poder (Morales 1990; Raffestin 1993; Galvão and Bezerril 2012). No entanto, vários autores como Milton Santos (1998); Rogério Haesbaert (2007); Marcos Saquet (2009); Enrique Leff (2001) se propuseram a repensar esta análise com intuito de dar mais atenção à atuação da perspectiva simbólica-cultural, sendo esta resultante da dialética entre espacialidade geográfica; organização social e ecológica; e a significação cultural que constroem a identidade do grupo social (Santos 2008; Haesbaert 2007; Leff 2001; Diegues et al. 2000; Santos, Souza, Silveira 1998; Santos, 1998; Leff 2001; Posey 1999; Balée 1998). O processo de territorialidade é então fundamentado nas relações sociais construídas por grupos humanos quando estes passam a ocupar um espaço – surgindo então o território habitado (Haesbaert 2004, 2007; Santos 2008).

Para realizar a pesquisa com êxito alguns objetivos foram traçados. Como objetivo principal: analisar a construção histórica e a situação atual da comunidade do Batoque, nos seus aspectos culturais e de percepção, uso e manejo dos recursos naturais pelos pescadores artesanais e agricultores familiares em relação ao seu território vivido. Os objetivos específicos estão delimitados em dois pontos: (1) Estudar como os pescadores artesanais e os agricultores familiares se organizam, interagem, utilizam e manejam os recursos naturais locais historicamente (2) Descrever as relações sociais construídas e as manifestações culturais que fundamentam a noção de comunidade entre os membros da reserva.

Para alcançar os objetivos delimitados, buscou-se conhecer o valor do ator social – indivíduo que faz parte da pesquisa como fornecedor de informações –, compreendendo como é construído o modelo mental usado por ele no grupo social ou individualmente para perceber e interpretar o mundo em que vive (Martins 2004). Neste trabalho, este ator social é visto como um participante e parceiro da pesquisa na construção da ciência e não como objeto desta. A produção textual teve por base a interpretação das histórias orais relatadas durante a convivência com a comunidade, que trata do contexto específico em que surgiu a comunidade do Batoque e as formas na qual o território foi continuamente reafirmado.

Escrever sobre a comunidade que reside na Reserva Extrativista do Batoque foi um desafio, principalmente por ser a primeira Unidade de Conservação – nesta categoria – do estado do Ceará, sendo então um lugar muito estudado/explorado por vários/as pesquisadores/as (Lima 2002, 2006, 2004; Vidal 2006; Rocha, Lima, Coriolano 2004; Rebouças 2012; Castro 2012; Braid 2004; Silva 1987; Araripe 2012; Oliveira 2006; Silva 2011), que abordaram desde os aspectos geoambientais, até o difícil cenário histórico de luta em defesa do direito a terra. Para se estudar intimamente a comunidade e construir um trabalho que trouxesse uma abordagem nova, foi imprescindível conhecer com muita proximidade as pessoas locais e interpretar com cuidado como funcionam os processos de produção e reprodução de conhecimento ecológico, como eles percebem as mudanças ambientais e quais as características culturais do povo no território que habitam. Foi importante investigar qual o uso social que este povo dá ao seu território e, historicamente, quais foram às formas de defesa dele.

O processo de constituição de uma unidade de conservação na praia do Batoque foi marcado por intensos conflitos contra a especulação imobiliária que durou cerca de 10 anos. O resgate das lembranças sobre o Batoque de antigamente demonstra que durante todo o processo de formação social da comunidade a interação e utilização dos recursos naturais foram pontos centrais. Desta inter-relação entre ser humano e meio ambiente surgiu a percepção ambiental – que é a maneira como o ser humano interpreta as informações sensoriais e perceptivas do meio que habita. Ao conjunto destas percepções, dá-se o nome de comportamento ambiental, que é um dos responsáveis pela formação da cultura local. De um modo geral a natureza, assim como os seres humanos, tem a sua organização, então, é necessário que o ser humano aprenda a interpretá-la para produzir organizações que lhe sejam compatíveis. Neste contexto, a paisagem da praia do Batoque foi modificada pelo processo de ocupação humana ao longo do tempo, aparecendo então a paisagem cultural, que é criada a partir de novos arranjos do ecossistema – com seus componentes bióticos e abióticos – acrescido dos componentes culturais do ser humano (Oliveira 1983). Durante o processo de investigação *in loco* foi possível observar a percepção ambiental das pessoas sobre a paisagem da região e as inúmeras variações ambientais que esta sofreu ao decorrer das décadas.

A intensão da pesquisa não foi fazer um relato histórico, mas fazer uma descrição com análise interpretativa, procurando considerar a emoção, motivação, percepção, imaginação, memória, o significado, a demarcação de limites territoriais, a representação da autoridade e os conflitos eminentes no processo de análise (Haesbaert 2007; Diegues et al. 2000; Santos, Souza, Silveira 1998; Santos 1998; Leff 2001; Diegues 2001, 2002; Posey 1983; Stevens 1997). A linha de construção textual procurou aproximar o relato o mais perto possível da interpretação dos fatos transmitidos pelas pessoas, fazendo uso da condição natural das palavras. Avançou-se o estudo numa linha que considera que as pessoas, de acordo com as experiências vivenciadas, as circunstâncias, o tempo, o espaço e o local que vivem, pensam de modo distintos, sendo importante também considerar que os processos de percepção, imaginação, recordação, e outras mais, estão intimamente ligados a estas experiências vivenciadas.

## MATERIAIS E MÉTODOS

O trabalho foi construído utilizando a pesquisa etnográfica como base para produzir ciência. Sendo este um tipo de pesquisa marcada por uma acentuada ênfase no poder da observação e na

descrição interpretativa de um povo tradicional. O estudo de caso etnográfico foi à comunidade da Reserva Extrativista do Batoque.

### *Área de Estudo*

Geograficamente a Reserva Extrativista do Batoque é distante cerca de 51 km da sede do município de Aquiraz. A reserva está localizada numa área de 601 hectares, localizada entre a Reserva Indígena Genipapo Canindé e a Área de Proteção Municipal do Balbino, no município de Cascavel. O espaço físico abrange ecossistemas costeiros e marinhos, como lagoas, estuários e manguezais que são apropriados coletivamente (figura 1). A praia do Batoque está incluída entre uma das 6 praias que fazem parte do município de Aquiraz, que localiza-se no setor Leste do estado do Ceará, sendo parte da Região Metropolitana de Fortaleza. O município tem 9 distritos: Aquiraz (Sede), Camará, Caponga de Bernarda, Jacaúna, João de Castro, Justiniano de Serpa, Patacas, Tapera e Assis Teixeira. Dos quais dois encontram-se na faixa costeira, onde estão localizadas as praias de Porto das Dunas, Prainha, Presídio, Iguape, Barro Preto e o Batoque.

Na reserva habitam atualmente aproximadamente 262 famílias, formada por nativos e moradores – pessoas que vieram de outra localidade e residem na reserva –, com uma média de aproximadamente 780 pessoas. A comunidade é formada essencialmente por dois grupos de famílias: (1) Os que dependem exclusivamente do meio ambiente para reproduzir suas atividades produtivas: pescadores artesanais e agricultores familiares. São aproximadamente 175 famílias, detalhadamente:

– *Pescadores artesanais*: Nativos e moradores que possuem a pesca artesanal como atividade principal, o que não exclui a prática de pequenos cultivos, coleta em árvores frutíferas e criação de pequenos animais. Grupo constituído por 92 famílias.

– *Agricultores familiares*: Nativos e moradores que possuem a agricultura familiar como atividade principal. Eles extraem produtos das árvores frutíferas da região, cultivam produtos agrícolas nas áreas de vazantes (áreas alagadas) da reserva e fazem a criação de animais de pequeno porte (avicultura, caprinocultura e suinocultura) e grande porte (bovinocultura e eqüicultura).

As atividades de pesca e agrícolas são paralelas, pois quando o pescador não está no mar ele cultiva, geralmente num pequeno roçado, seja para subsistência, seja para pequenos comércios. Há agricultores familiares que também pescam nas lagoas e mais próximo à costa, grade parte para o autoconsumo.

(2) Aqueles que indiretamente utilizam os recursos naturais ou não dependem deles para sobreviver de uma forma direta: comerciantes, trabalhadores da construção civil, turismo e artesanato, constituindo aproximadamente 87 famílias.

Há também na localidade 150 veranistas, que são os turistas que possuem casas na localidade onde passam férias, fins de semana ou temporadas. Este grupo não está incluído entre os grupos de famílias residentes porque geralmente estas famílias estão presentes na localidade somente para lazer, não constituindo a casa como residência oficial. Também foi observado que há uma constante troca de proprietários, baseada na venda das propriedades. Provavelmente quando o destino turístico já não é mais tão atrativo para os mesmos.

A Reserva Extrativista do Batoque foi criada oficialmente em 5 de junho de 2003. Sendo então a primeira unidade de conservação na categoria de reserva extrativista do Ceará. A população local almejava proteger a terra contra a especulação imobiliária e garantir o direito ao uso e ocupação àqueles que viveram nela historicamente. Esta problemática envolveu inúmeros fatores que estão enraizados na história de constituição da comunidade. História esta cheia memórias do passado e de ensinamentos que ajudaram a construir o Batoque de hoje.

## COLETA E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Para contar a história de constituição da comunidade teve-se como base a história oral de vida das pessoas que vivem no Batoque e possuem uma proximidade com o uso e manejo dos recursos naturais. A princípio os primeiros informantes foram os moradores mais velhos da comunidade, que tinha lembranças e vivências históricas no território do Batoque, posteriormente estes indicaram outras pessoas que podiam colaborar com relatos e assim continuamente. Alguns destes relatos foram escolhidos para fazer parte deste artigo, o critério de escolha destes relatos diretos será informado mais adiante no artigo.

Por que o uso da história oral? O uso da história oral ocorreu por que esta facilita no processo de resgatar uma percepção do passado, como algo que tem continuidade hoje e cujo processo histórico não está acabado (Alberti 2005). Neste sentido, a presença do passado no presente das pessoas é o motivo de ser da história oral e serviu de apoio para a coleta de informações sobre a história local. Cada grupo cultural, por menor que seja, possui sua narrativa e a compreensão do presente pode ser alcançada conhecendo o passado dos grupos sociais. Pela narrativa constrói-se o sentido de vida das pessoas. Geralmente algumas narrativas usam a linguagem simbólica do imaginário que segue a lógica do inconsciente coletivo (Boff 1996).

Em linha com o tema de pesquisa, escolheu-se uma abordagem qualitativa, que é bem adaptada a uma realidade em que as relações, ou a natureza das relações, não são precisamente conhecidas antecipadamente. Isto é ainda mais importante porque se pretende relacionar a realidade como é vivida pelos habitantes locais (a perspectiva êmica) – nas suas visões de mundo, suas ideias, concepções e desejos – a conceitos científicos, exteriores à realidade local (a perspectiva ética) tais como sustentabilidade, sociobiodiversidade e a distinção entre atividades extrativistas e outros tipos de atividades produtivas (Bogdan and Biklen 1999; Geertz 2002).

### *Etapas da pesquisa*

Para uma melhor compreensão do uso dos materiais e métodos utilizados no trabalho fez-se um planejamento da pesquisa, que será apresentado a seguir, no entanto, este não deve ser interpretado como uma prescrição imutável, mas como uma pré-visualização simplificada, com valor orientador. Organizou-se a pesquisa em quatro etapas:

- Etapa 1. Análise documental;
- Etapa 2. Pesquisa de campo;
- Etapa 3. Processamento das informações e;
- Etapa 4. Produção textual

**Etapa 1: Análise documental:** Inicialmente fez-se um recorte teórico-conceitual do campo de pesquisa e das áreas de conhecimento envolvidas através de uma análise de artigos científicos, livros sobre a temática, mapas, documentos históricos, imagens de satélite, dados fornecidos pela Associação de Moradores do Batoque e pela Agente de Saúde do local (Rocha and Eckert 2008).

**Etapa 2: Pesquisa de campo:** Na pesquisa de campo, os principais métodos aplicados foram os clássicos da etnografia: a observação participante e a entrevista semiestruturada.

- **A observação participante** é um método que requer um grande investimento pessoal por parte do pesquisador, que privilegia o estudo da investigação cotidiana do indivíduo. Bronislaw Malinowski (1978) chamou de “a necessidade de mergulhar na vida do outro”. Este “mergulho” coloca o pesquisador muito próximo do pesquisado, como participante e como observador. A observação participante produziu como dados inicialmente o registro fotográfico e o diário de campo. O diário de campo foi construído a partir da interação com as pessoas, das leituras do cotidiano, das conversas informais. No entanto, a escrita do diário de campo não teve o objetivo, somente de descrever sobre os fatos observados, mas de descrever interpretando ao mesmo tempo. No entanto, a interpretação depende da descrição (Clifford 2011) bem realizada.
- **A entrevista semiestruturada** é uma estratégia para coleta de informações que não são possíveis serem coletadas somente na observação participante (Geertz 2002, Harris 1976; Oliveira 2006). Para realização das entrevistas fez-se uso de um gravador digital de voz, com autorização prévia do informante. A técnica metodológica para escolha dos informantes foi à chamada *snowballing* (seleção por “bola de neve”), introduzida inicialmente por Coleman (1981) e Goodman (1961). Esta é uma técnica de amostra não probabilística que utiliza cadeias de referência, como uma espécie de rede.

- *Escolha dos informantes:* Os informantes inicialmente escolhidos foram os líderes comunitários (informante-chave ou “semente”), que foram utilizados como ponto de partida para atingir outras pessoas da população-alvo. Também foram utilizados aqueles identificados pelas pessoas da comunidade como referência de conhecimento sobre a localidade. Estes informantes iniciais indicaram novos participantes que por sua vez indicaram novos participantes e assim sucessivamente.

- *Consentimento da pesquisa:* Por tratar-se de uma unidade de conservação a proposta da pesquisa passou por dois processos de autorização: (1) Plataforma *online* de autorização de pesquisa em unidade de conservação do ICMBio – Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, que é o órgão estatal que administra a unidade; (2) Conselho Consultivo ou Deliberativo da reserva composto por: gestores do ICMBio, atores governamentais e da sociedade civil, pessoas residentes na comunidade representantes dos diferenciados grupos sociais existentes na unidade de conservação. Uma votação na plenária autorizou a realização da pesquisa. Para fins comprovativos e de controle o órgão gestor da unidade – ICMBio – emitiu o documento regulatório *Autorização para atividades com finalidade científica*.

- *Aplicação das entrevistas:* Todos participantes foram questionados previamente as entrevistas sobre o consentimento individual das entrevistas, então todos os participantes estiveram dispostos a participar, como também de terem seus relatos divulgados. Foram

realizadas um total de 30 entrevistas, todas individualmente, com uma média de 1 a 3 horas de duração. A transcrição de todas as entrevistas foi realizada anteriormente a produção textual, para a análise geral das informações.

- *Critério utilizado para destacar os relatos utilizados nos resultados:* Tivemos o cuidado de não utilizar um pensamento individual e generalizar indevidamente. O corpo do texto foi construído embasado na totalidade das informações coletadas nas entrevistas, no entanto, algumas falas diretas foram escolhidas para estarem representadas no artigo. Os critérios utilizados para escolher os relatos utilizados no artigo foram: profundidade e clareza das falas, a relevância das informações para o texto, o espaço textual e a organização das informações no artigo. Muitas das falas dos entrevistados eram semelhantes, então, também coube aos autores escolher aquelas pessoas que seriam contempladas..

**Etapa 3: Processamento das informações:** Nesta etapa foi feita a organização das informações do diário de campo, a transcrição das gravações de todas as entrevistas e a análise e interpretação das informações. A transcrição das gravações foi feita de modo parcial, selecionando as partes a transcrever de acordo com o estado da análise, e rotulando ao mesmo tempo os temas recorrentes, de modo a facilitar o acesso posteriormente na parte da descrição textual.

**Etapa 4: Produção textual:** A produção textual desta pesquisa foi construída a partir da proposta de uma pesquisa etnográfica interpretativa (Clifford 2011; Geertz 1988), que requereu um árduo trabalho de tradução e interpretação dos dados coletados, como também de trazer os fatos vivenciados, para a construção do processo de textualização final. No processo de produção do texto final, os atos de pensar e de escrever estão intimamente associados. Com relação ao processo de interpretação dos dados coletados durante a pesquisa – que é tão importante na ciência etnográfica – Clifford Geertz (2002), ressalta que os cientistas sociais lidam sempre com “interpretações”, sendo que esta interpretação oriunda das coletas de elementos que fundamentam a compreensão de uma situação é a interpretação da interpretação fornecida pelo pesquisado – interpretação em segundo plano –, pois somente o nativo, que pertence àquela cultura, faz a interpretação em primeiro plano.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### *A produção socioambiental do território: a percepção sobre o ambiente*

Entre uma e outra conversa sobre a constituição socioambiental da comunidade do Batoque o passado foi aparecendo nas falas das pessoas, e foram sendo agregadas ao estudo informações históricas sobre os aspectos sociais e ambientais locais. As percepções sobre as modificações ambientais – percepção ambiental – que ocorreram no Batoque são visíveis nas falas durante todo o estudo, tanto explicitamente, com relação às modificações ambientais ocorridas na paisagem ao longo das décadas, quanto implicitamente, no conhecimento sobre o manejo dos recursos. É necessário considerar, que cada indivíduo percebe, reage e responde diferentemente às mudanças no território em que vive. As respostas e manifestações oriundas da investigação são então decorrentes das percepções – individuais e coletivas –, dos processos cognitivos, julgamentos, interpretação do ambiente e das vivências e expectativas de cada pessoa.

A ocupação inicial do Batoque ocorreu principalmente pelo interesse de uso dos recursos naturais existentes nos ecossistemas na região. Entre eles, os ecossistemas litorâneos e costeiros como os manguezais, planícies inundáveis, as lagoas, o mar entre outros. Na investigação sobre a história local, as lembranças sempre traziam elementos importantes sobre os aspectos ambientais da localidade do passado e dos dias atuais.

De acordo com Silva (1987), em seu estudo sobre o aproveitamento e preservação dos manguezais de Marisco e Barro Preto, que estão localizados em Aquiraz, a constituição histórica do Batoque ocorreu a partir do ano de 1860, quando houve um maior crescimento populacional nesta localidade. O autor relata que a primeira família, que veio habitar a praia por volta deste período, foi à chamada família Vitorino – que reside no local até atualmente. Esta família veio atraída pela pesca (na lagoa e no mar), pela coleta de tabuba (*Thypha dominguensis*) e pela atividade da pecuária extensiva.

*A tabuba, o paleomangue e o avanço do mar.*

No desenrolar da convivência com a comunidade conhecemos um pescador de 70 anos, que é um dos moradores mais antigos da localidade: o *Seu Quita*. Em uma das conversas ele falou sobre a tabuba - bastante lembrada nos relatos dos moradores locais – e nos forneceu um relato bem rico sobre a utilização dela em um período em que a tabuba foi essencial para a subsistência de algumas pessoas da comunidade, a fala segue:

“Em 1958 a tabuba sustentou muita gente, por que tinha uma seca desgraçada. Nesta época existia pouco carro, o transporte era em burrinhos. O povo transportava tudo em animais, era farinha, rapadura, mas ai tinha que ter a esteira para forrar a cangalha dos animais. A gente fazia esteira de tabuba para vender, a gente tirava da lagoa, batia e fazia, e na sexta feira o comboeiro vinha buscar pra vender na feira. Ele levava 400, 500 esteiras e vendia tudo, era tudo encomendado. Ainda hoje tem na comunidade quem faz é a Maria José, ela é agricultora”.

(Quita, pescador, 70 anos).

A *Thypha dominguensis* é uma macrófita hidrófita (aquática) típica de brejos, manguezais, várzeas e outros espelhos de águas. A sua fibra, durável e resistente pode ser utilizada como matéria-prima para confecção de produtos artesanais como cartões, pastas, envelopes, cestas, bolsas e outros itens de artesanato. No caso do Batoque, ela geralmente é chamada de “tabuba”, e era usada (e ainda é por alguns moradores, mas minimamente) para fazer esteira para forrar a cangalha dos animais durante algum tipo de transporte e cestas para guardar alimentos, como é confirmado pela fala do morador da localidade e de outros da região. A tabuba ocupa a região litorânea da margem da lagoa do Batoque, em alguns pontos chega inclusive a ocupar toda sua seção. De acordo com Oliveira (2006), a presença de uma quantidade abundante desta macrófita é um fator que indica um possível estresse ecológico do sistema aquático, que é a chamada eutrofização, decorrente de insumos de alimentos na água, que pode ser causado, por exemplo, pela água de esgoto das residências.

Na continuação da conversa com o pescador – que é um dos mais antigos moradores da localidade –, ele fala sobre a história de ocupação do Batoque, e tem lembranças de relatos

repassados na família que sugerem um período em que grupos familiares já residiam no Batoque. Da conversa retirei um trecho, na qual encontrei elementos importantes. Também anexe o relato de outro pescador, que complementa o primeiro.

“Eu nasci no Batoque. Quando eu fui crescendo eu ouvia comentário sobre aquele mangue que está desenterrando. Os mais velhos contavam que os pais deles contavam que aqui era somente mato, aqui, ai em cima e mais perto da praia tinha somente uma rua de casas e tinha o mangue. Nesta época, eles pagavam um menino para atravessar o mangue para ver se as embarcações vinham chegando, eles pagavam 1 pataca a este menino. Neste tempo o mar era muito pra frente. Ali onde tem aquela lama que está sendo descoberta tem rastro de gente e de animal. O mangue acabou por que o mar foi se aproximando, o mar era distante, havia outras barracas mais pra frente e as barracas foram se afastando.”

(Quita, pescador, 70 anos).

*“Nem meu bisavô alcançou estes manguezais que estão ai. Na época de vento a areia desenterra eles. O meu avô falava, que o avô dele falava que ele não alcançou esse mangue. Ele dizia que isso aqui era uma mata tão grande”.*

(João de Deus, pescador/agricultor – 63 anos).

Os relatos dos pescadores nos trazem três elementos que vamos analisar a princípio: a moeda pataca, o manguezal e a distância do mar. A pataca era uma moeda de prata de origem portuguesa que circulou no Brasil de 1695 a 1834 (Amato, Neves, Russo 2009). Neste caso, pela história contada pelos antecedentes do pescador, a pataca foi uma moeda utilizada na praia do Batoque, o que nos leva a pensar que possivelmente havia famílias residindo no Batoque anteriormente a 1834 (ano que a pataca parou de circular no Brasil). Em seu estudo, Silva (1987) relata que houve um maior incremento populacional a partir do ano de 1860, o que não exclui a possibilidade de outros pequenos grupos sociais residirem na região anteriormente. Como não há muitas informações históricas sobre a data oficial de formação da comunidade e suas origens, é relevante considerar a fala do morador como uma informação adicional a história local.

O segundo elemento das falas dos pescadores está na citação sobre o manguezal, que foi amplamente comentado pelos moradores. Este manguezal citado são os afloramentos de depósitos de paleomangues, que estão localizados no estirâncio ou na zona entre marés – que é a faixa de litoral levemente inclinada para o mar entre os níveis médios da maré alta e a maré baixa. Existe na região uma configuração geomorfológica onde há indícios de antigos canais de manguezais, que atualmente estão enterrados pelos sedimentos arenosos. Estes paleomangues estão deslocados das condições ecológicas e dinâmicas que deram origem aos sedimentos e à fauna e flora associadas. Atualmente participam do prisma praiado e não mais se encontram protegidos em reentrâncias e canais estuarinos, podendo ser visualizados durante a maré baixa. Eles indicam que ocorreram eventos agressivos no processo de construção da planície costeira, onde se pode incluir fluxos de sedimentos e ação dos ventos, ondas, marés e correntes marinhas, que caracterizaram uma planície costeira construída a partir dos eventos transgressivos e de mudanças climáticas que ocorrem num longo período de tempo (Silva 1987; Vidal 2006; Meireles et al. 2005; Oliveira & Meireles 2010).

Como terceiro elemento tem-se a distância do mar. Pela fala do pescador, ele ouviu relatos de uma época em que o mar estava mais longe da costa e possivelmente os paleomangues mais descobertos que atualmente, então para visualizar a chegada dos barcos era preciso atravessar a faixa de manguezal e caminhar até onde fosse ser possível visualizar os barcos se aproximando da costa. Percebe-se que os pescadores possuem uma percepção do ambiente e da sua dinâmica, e isto é de grande importância para a interação construída entre o ser humano e o meio ambiente.

A distância do mar foi relatada por outros moradores da localidade, como foi comentado na fala do *Seu Quita*. Pareceu interessante selecionar a fala da *Odete*, moradora local, que nasceu na praia do Balbino e foi morar na localidade por volta da década de 1980. *Odete* é pescadora e participou ativamente do processo de constituição da reserva, ela foi uma das primeiras da comunidade a possuir uma barraca na praia e visualizou de perto o avanço do mar, segundo ela:

“As primeiras barracas da praia eram bem para dentro do mar. Estas barracas que vemos hoje já é a quinta geração de barracas, porque o mar foi avançando e a gente foi se afastando”.

(*Odete*, pescadora e ex-presidente da Associação de moradores do Batoque).

O avanço do mar observado pelos moradores está inteiramente relacionado com as flutuações marinhas, as mudanças climáticas e aos intensos processos de intervenção humana. Segundo Meireles, Arruda, Gorayeb e Thiers (2005), o nível do mar não é fixo, e ao longo do tempo geológico apresentou variações globais de subida e descida. As mudanças climáticas favoreceram a elaboração de um elevado número de sistemas morfológicos, a partir de processos geoambientais que são irreversíveis, e que estão em contínua transformação, sendo impulsionados pela interação entre o continente, a atmosfera e os oceanos.

#### *A lagoa do Batoque e suas funções socioecológicas*

Outro elemento importante na configuração ambiental do Batoque é a presença das lagoas. Pelos relatos é fato que anteriormente o volume aquífero das lagoas era maior, o que pode ser visualizado inclusive em imagens da época. Com relação à presença das lagoas – além de ter levantado também o aspecto já citado sobre os manguezais na faixa costeira –, *Maria do Rosário* fez a seguinte fala:

“Eu sou nativa daqui. A minha mãe contava que ali na praia era tudo mangue, isso que a mãe dela já contava. Ali perto da praia era tudo lagoa, a água era bem azulzinha, tinha muita água. Ai com a falta de chuva tudo secou”.

(*Maria do Rosário*, marisqueira, 65 anos).

Em um estudo na localidade intitulado *Proposta de gestão Ambiental para a Reserva Extrativista do Batoque – Aquiraz/CE* (Vidal 2006) é possível encontrar um conjunto de informações sobre a

dinâmica do conjunto paisagístico da reserva, como também aspectos relacionados ao quadro climatológico e hidrológico. Neste estudo, a geógrafa cita que as características dos recursos hídricos do estado do Ceará são influenciadas por chuvas espaçadas, temperaturas elevadas e forte insolação. Então, estas características influenciam diretamente o estado dos rios, que em sua maioria são intermitentes. Influenciadas pelo caráter irregular das precipitações pluviais, que apresentam períodos de estiagem, há uma diminuição da potencialidade hídrica, ocasionando assim a seca das pequenas lagoas intermitentes do Batoque. Nos períodos de estiagem a extensão aquífera da lagoa diminui, além de ser observado o crescimento excessivo de macrófitas aquáticas no corpo d'água em alguns pontos. Dos anos de 2010 até metade de 2014 a lagoa permaneceu cheia, vindo a diminuir sua quantidade hídrica posteriormente. No início de 2015 (especificamente em março) a maior parte da lagoa do Batoque se apresentava completamente seca (incluindo suas lagoas intermitentes), sendo que a única parte que se encontrava cheia era a localizada na planície flúvio-marinha do Marisco.

A lagoa do Batoque, em toda sua extensão ocupa uma área que vai desde as proximidades do Mangue do Marisco até a desembocadura do córrego da Caponga Funda, no riacho Boa Vista (Oliveira 2006; Silva 1987). Esta é uma lagoa perene que recebe aporte de água de duas fontes: principalmente do aquífero de dunas marginais, constituído pelos aquíferos da Lagoa da Encantada e do riacho Marisco, e das águas pluviais no período chuvoso (Oliveira 2006; Vidal 2006).

Na reserva do Batoque, a água é um fator central. A lagoa do Batoque é de fundamental importância para a comunidade e sempre foi utilizada pelos moradores para várias atividades como:

- extração da tabuba (*Typha dominguensis*);
- agricultura nas áreas alagadas;
- pesca artesanal;
- lazer.

### *Algumas consequências socioambientais da ocupação humana desordenada no Batoque*

#### *(1) mudanças na dinâmica costeira*

No processo de ocupação do litoral, é preciso se preocupar com a dinâmica do mar. Independentemente qual seja a causa da erosão marinha, seja por alteração geológica, mudança na direção de ventos ou como consequência da intervenção humana, o fato é que o mar e as faixas de areia estão em constante movimento. No entanto, atualmente, é preciso considerar que as intervenções humanas têm colaborado bastante com as mudanças na dinâmica costeira. Em um estudo feito na praia da Caponga por Meireles (2008), é possível observar que o avanço da erosão da linha costeira é devido entre outros fatores ambientais, principalmente pelo uso e ocupação irregular da planície costeira, principalmente a partir do ano de 1985, quando ocorre um processo maior de instalação de segundas residências. O autor afirma que por decorrência da interdependência existente entre os geoelementos que compõem uma planície costeira, as intervenções humanas não planejadas afetam todo o conjunto de unidades e modificam os fluxos de energia.

No caso da Caponga, que está distante somente 8 km do Batoque, um extenso processo de ocupação urbana na faixa de praia (pousadas, casas e conjuntos residenciais) interferiu nos

fluxos de matéria e energia e assim definiu as consequências relacionadas com o incremento da erosão costeira. Segundo o autor, os impactos cumulativos têm uma extensão de 145 km de linha de costa, com uma extensão de 52,1km (36%) de litoral em elevado estado erosivo. Como a deriva litorânea comporta-se de sudeste para noroeste, as intervenções a partir de Caponga estão incrementando o déficit de areia na direção das praias do município de Fortaleza. A praia do Batoque encontra-se no limite afetado por esta erosão costeira. O avanço do mar passa a ser problema a partir do momento em que a humanidade ocupa a zona costeira desordenadamente.

No caso do Batoque, as ocupações com as barracas na faixa de praia tem sentido mais os efeitos do avanço do nível do mar e o incremento de aporte de areia no manguezal tem dificultado as trocas energéticas entre o manguezal e o mar, o que tem causado o aterramento das gamboas e a diminuição da entrada de nutrientes para o ecossistema, causando a morte e/ou diminuição da fauna e flora local. Pelas falas dos moradores eles percebem que a diminuição do aporte de água no manguezal da Boa Vista, localizado entre o Batoque e a Caponga, ocorre em períodos de estiagem. Os moradores também citaram que há épocas do ano em que ocorre um maior incremento de areia no local, sendo necessário então “*abrir a barra*”, que significa retirar a quantidade de areia que se acumula na gamboa e impede a entrada e saída de água do mar para o manguezal. Entre os entrevistados, foi feito o recorte da fala do pescador *João de Deus*, que tem uma barraca próxima ao manguezal da Boa Vista. Pela fala é possível notar o conhecimento que o pescador possui sobre as consequências do aterramento da gamboa:

“Eu pescava no mangue, e eu nunca queria deixar o manguezal morrer, eu sempre queria ver o manguezal vivo. Aqui tem o problema da barra quando enche de areia. Quando a barra enche, então mistura a água salgada com a água doce. A água doce fica em cima e a água salgada pesada fica em baixo, então esquenta e aquela água apodrece ai escalda o pé do mangue e o mangue morre. Para abrir a barra, a gente juntava uns 15 homens com enxada e a gente tirava a areia que impedia a água de entrar e sair do mar. Eu ia no Ibama pra conseguir autorização pra abrir a barra, por que o mangue estava morrendo. Antes daqui ser reserva eu já plantava pés de mangue aqui no manguezal. E isto era bom, porque era onde os peixes entravam e cresciam.”

(João de Deus, Pescador/agricultor – 63 anos).

A fala do pescador revela como ele interpreta o ambiente na qual interage cotidianamente. Este conjunto de saberes constitui o conhecimento ecológico tradicional, que está fundamentado nas tradições culturais e na relação íntima com o meio (Berkes et al. 1999).

## (2) *degradação do manguezal e a questão do lixo*

Questionou-se sobre quais fatores tem causado a degradação do manguezal e foi citado como relevante além da diminuição da quantidade de chuvas e do fechamento da barra, o lixo jogado no local. Os entrevistados relataram que o acúmulo de lixo causa a morte dos peixes, dos camarões e do mangue. Também foi comentado que há períodos em que há mutirão para a limpeza do manguezal e campanhas de conscientização ambiental, mas que a problemática de acúmulo de lixo tem geralmente origens externas: o turismo. Pelos relatos, os turistas – geralmente os que fazem o chamado *picnic* – geralmente chegam praia no final de semana para um dia de lazer

trazendo alimentos e bebidas de casa, que são consumidos nas proximidades do manguezal, e ao ir embora deixam dispersos pelo manguezal garrafas de bebidas, latinhas e plásticos. A inserção deste modelo de turismo sem base no conceito de sustentabilidade ambiental modifica meio ambiente, comprometendo a qualidade de vida e a saúde da comunidade local.

A questão do lixo (resíduo sólido) também foi citada, não somente como uma problemática específica do manguezal, mas como algo que tem afetado a reserva de uma forma geral. Por toda a comunidade do Batoque é possível ver lixo espalhado em alguns períodos. Pelas histórias contadas, há coleta de lixo semanalmente na comunidade, mas nem todas as pessoas respeitam os locais destinados para deixar o lixo, e às vezes a coleta semanal não supre a necessidade local que constantemente convive com um grande fluxo de pessoas de fora da comunidade. Como na reserva há espaços não ocupados, estes espaços acabam se transformando em depósitos clandestinos de lixo. A problemática aumenta com a presença de animais soltos pela reserva, que acessam os locais destinados ao lixo espalhando o material. Conta-se que há períodos mais críticos em que a comunidade faz mutirão de limpeza do Batoque, em alguns momentos é preciso queimar o excesso de lixo. Geralmente o lixo é mais acumulado em períodos em que há muitos turistas na reserva, como feriados, férias ou finais de semana. Percebeu-se que a prática de “mutirão” – mobilizações coletivas para excussão de um serviço – é muito comum na comunidade.

O ser humano modifica o meio em que vive, e às vezes estas intervenções são negativas e desequilibram o meio ambiente, como a questão do acúmulo do lixo no Batoque. Percebe-se que há uma deficiência no sistema público de coleta de resíduos na comunidade, que não tem suprido as necessidades locais. É fato que a ampliação das atividades turísticas trouxe além dos impactos sociais, também os ambientais. Mas a solução desta problemática só será alcançada se ambos os atores – o serviço público de coleta e a população – se empenharem e se comprometerem em mudar as práticas atuais.

### *(3) assoreamento e poluição da lagoa do Batoque*

Os núcleos de ocupação urbana que se formaram nas extremidades da lagoa trouxeram impactos para o meio aquífero, como por exemplo, a poluição e o assoreamento. O assoreamento é um processo natural, porém o ser humano vem acelerando este antigo processo através do desmatamento, e outras ações impactantes que acabam por expor as áreas à erosão. No Batoque, a erosão da lagoa tem sido acelerada devido às técnicas agrícolas inadequadas, quando se promovem desmatamentos extensivos para ocupar o lugar com as áreas plantadas (as chamadas vazantes); a ocupação desordenada do solo e construções indevidas nas margens da lagoa, que impede as grandes áreas de terrenos de cumprirem com seu papel natural de absorver água. Além do perigo de assoreamento da lagoa, também há o risco de um possível desaparecimento da mesma, o que iria trazer diversos prejuízos ambientais e sociais.

Outra problemática é com relação é o abandono de lixo doméstico nas proximidades da lagoa, o que tem ocasionado à poluição da mesma. Segundo o estudo realizado por Oliveira (2006), com relação aos aspectos limnológicos e sanitários da lagoa do Batoque, o crescimento de macroalgas e a diminuição da sua área alagada são possíveis indicadores de estresse ecológico do sistema aquático (eutrofização). “A introdução de efluentes líquidos sem o devido tratamento

pode levar a uma contaminação por organismos patogênicos, constituindo-se uma série ameaça à saúde da população que se utiliza dessa água para os mais diversos fins” (Oliveira, 2006, p.15), que incluem banho, lavagem de roupas, preparo de alimentos, consumo, pesca artesanal, lazer e agricultura no entorno alagado.

## AS RELAÇÕES HISTÓRICAS, CULTURAIS E O MANEJO DOS RECURSOS NATURAIS

### *A situação colonial do litoral cearense*

O território do Ceará não era uma “*terra de ninguém*”. Foi um território indígena ocupado por diversas etnias indígenas, entre elas os Potyguara, os Jenipapo-Canindé, os Anacé e os Jaguaribara (Aragão 1994). Em resumo, o processo de ocupação do Ceará foi construído em meio ao conflito entre os indígenas – que utilizavam o território para reproduzir seus modos de vida – e entre aqueles que o viam como um meio de produção lucrativa, os colonizadores. Este processo de ocupação e povoamento do litoral terminou por misturar as etnias, que derivam da presença de indígenas, de negros escravizados e de europeus. A presença colonial instaurou uma nova relação da sociedade com o seu território, ocasionando inúmeras modificações socioculturais (Oliveira 1983).

Apesar das resistências encontradas no litoral cearense, o domínio deste território era fundamental para os colonizadores, pois este apresentava uma posição estratégica para conquistar outros territórios. Com esse argumento foram criadas importantes vilas como Aquiraz (1699), Fortaleza (1726) e Aracati (1748). Aquiraz foi uma importante sede administrativa da capitania (capital) do Siará Grande até o ano de 1726, quando a capital foi transferida para Fortaleza (Mendes, Lima, Coriolano 2004; Pinheiro 2002).

A área litorânea do leste do Ceará, especificamente Aquiraz e suas proximidades, começaram a ser exploradas pelo colonizador com maior intensidade a princípio do século XVII. A praia do Iguape, que está localizada há mais ou menos 5 km da praia do Batoque foi um importante porto de embarcações durante o período colonial, atraindo os estrangeiros para descanso e conserto de embarcações. Nesta localidade, foi instalada a primeira Câmara Municipal do Ceará, em 1699, sendo posteriormente transferida para Aquiraz no século XVIII. No início do século XVII, a área que incluía as praias que fazem parte do município de Aquiraz ainda não eram ocupadas intensivamente. A importância do Porto de Iguape influenciou a ocupação por colonos e suas fixações, como também a intensificação da exploração dos recursos naturais na região (Silva 1987).

A vila de Aquiraz teve sua importância no processo de colonização, sendo um importante centro econômico por meados do século XVIII. Os distritos de Aquiraz foram se desenvolvendo e sendo ocupados por grupos de famílias, que praticavam principalmente a agricultura (algodão, banana, caju, mandioca, feijão), a pecuária (de bovino, suíno e avícola) e a pesca de subsistência. O crescimento de Aquiraz, o desenvolvimento do Porto do Iguape, a construção de novas casas, a exploração agrícola e a pecuária na região foram ampliando o território de ocupação humana. A partir dos séculos XVIII e XIX, após a consolidação das vilas e o crescimento populacional, as comunidades pesqueiras ou povos do mar (muitas de origem indígenas) foram formando seus núcleos por todo o litoral cearense, inclusive na praia do Batoque.

Para realização da pesquisa muitas histórias, contos e lembranças foram ouvidas com relação

à constituição histórica da praia do Batoque e sobre a interação e percepção que as pessoas tinham sobre o ambiente. Então, complementarmente com a literatura científica foi possível construir algumas ideias sobre a percepção ambiental das pessoas com relação ao território que habitam e o conhecimento sobre o uso e ocupação do território, o que se inicia com as primeiras ocupações humanas. Ambos – aspectos sociais e ambientais – não são dissociáveis, então se procurou inter-relacionar as informações num fluxo dinâmico de construção textual.

## PRODUÇÃO SOCIAL DO TERRITÓRIO: A VIDA NA TERRA E A VIDA NO MAR

### *A agricultura familiar*

Pelos relatos dos moradores, posteriormente à chegada da primeira família no Batoque, a família Vitorino, no século XIX, outras famílias também vieram habitar a região. As primeiras famílias juntamente com a Vitorino foram: as famílias Vigó, Fragoso e Silvestre. Conta-se que no início do século XX, até por volta de 1950, o Batoque era habitado por poucas famílias, havia grandes pedaços de terras desocupados e quem chegava na região podia construir uma casa para morar, geralmente de taipa e barro com cobertas de palha de carnaubeira ou coqueiro. As pessoas não cercavam as terras e a divisão do espaço individual e coletivo era mais difícil de perceber. Sobre este aspecto, temos o recorte da fala do seu *Mano Véi*:

“Eu sempre vivi de agricultura. Quando eu morava em Apreaoca, [que se localiza em Cascavel] a agricultura lá era forte. Quando eu casei em 1958 eu vim morar aqui no Batoque, mas a agricultura aqui era muito fraca. A minha família sempre foi daqui. Aqui não tinha nada, o transporte que a gente tinha era uns jumentos. Quando eu cheguei aqui só tinha quatro casas de telha e reboco, as casas eram feitas de barro. As casas eram do finado Fatura, do finado Zé Vitorino, finado João Silvestre da Silva e do Zé Pacatuba, as que eu lembro. Quando eu cheguei aqui eu montei um comércio. O comércio era de palha, com as paredes e porta de palha. Eu vendia muita coisa, de alimento a outras coisas. Eu comprava de 10 kg de arroz e dividia em saquinhos. Chegava a dar mofo por que ninguém comprava, o povo só comia farinha. Quando alguém vinha comprar arroz no meu comércio eu perguntava logo quem estava doente na casa da pessoa. E realmente era, ou alguém estava doente ou alguma mulher tinha descansado”

(Francisco Vitorino, Mano Véi, comerciante – 83 anos).

O exercício da atividade produtiva de agricultura no Batoque sempre teve como seu ponto forte a plantação de batata doce (*Ipomoea batatas*) e mandioca (*Manihot esculenta*) que aproveita a água disponível no campo de dunas e o tipo de solo da região. Embora existam outros produtos agrícolas cultivados como o milho (*Zea mays*) e o feijão (*Phaseolus vulgaris*), a plantação de batata doce e mandioca sempre se destacou como um produto que gerou um comércio com outras regiões, enquanto que os outros produtos agrícolas foram destinados basicamente para a alimentação e pequenos comércios locais.

Quando o morador cita que a agricultura no Batoque era *fraca*, ele refere-se ao fato de que na região não há diversos produtos cultiváveis. Outro ponto, é que ele ainda está comparando a

agricultura no Batoque com a do município de Cascavel (local onde ele morava anteriormente), que é uma região rica na plantação de diversos produtos agrícolas como: produção de caju (*Anacardium occidentale*), côco-da-Bahia, cana-de-açúcar (*Saccharum sp.*), mandioca (*Manihot esculenta*), milho (*Zea mays*) e feijão (*Phaseolus vulgaris*), laranja (*Citrus x sinensis*), algodão (*Gossypium sp.*), banana (*Musa sp.*), batata inglesa (*Solanum tuberosum*), tomate (*Solanum lycopersicum*) e cebola (*Allium cepa*). É importante considerar que o município de Cascavel com suas praias – Águas Belas, Barra Nova, Barra Velha, Balbino e Caponga – tem uma relação muito próxima com os moradores da praia do Batoque. A relação está a nível: (1) Social: muitos setores pesqueiros no mar são divididos entre os pescadores do Batoque e os das praias de Cascavel; pela proximidade entre as regiões também é comum haver a união entre as famílias por conta de casamento; (2) Econômico: em Cascavel acontece a Feira de São Bento, a segunda maior Feira Livre do Brasil que atrai muitos moradores à região; e (3) Cultural: uma variedade de festas religiosas católicas une as comunidades, como a Festa de São Francisco, Festa da Nossa Senhora da Imaculada e a Festa da Sardinha, no município da Caponga.

A comunidade do Batoque até os anos de 1970 caracterizava-se, a exemplo de outras comunidades litorâneas no Ceará na época, como comunidade marítima que vivia essencialmente dos recursos do meio ambiente circundante. As pessoas da comunidade viviam basicamente da atividade pesqueira desenvolvida nas lagoas, no mar e no manguezal, da pequena agricultura familiar, extração de produtos das árvores frutíferas – como o murici (*Byrsonima crassifolia*), acerola (*Malpighia emarginata*), graviola (*Annona muricata*), caju (castanha do caju) (*Anacardium occidentale*), banana (*Musa sp.*), goiaba (*Psidium sp.*), limão (*Citrus sp.*), manga (*Mangifera indica*) e o coco (*Cocos nucifera*) –, pecuária (suinocultura, avicultura, bovinocultura), dos pequenos comércio e do artesanato feito com a tabuba. O transporte era feito basicamente por animais, o jumento sendo o mais utilizado. As pessoas que vieram primeiramente habitar o Batoque, geralmente vinham de localidades próximas como Caponga, Balbino, Aquiraz, Pindoretama, Cascavel, Beberibe e Fortaleza.

Nas memórias, pode-se observar como se construía o Batoque de antigamente:

“Antigamente o Batoque era isolado, a única forma de se locomover era andando ou com animais. A comunidade não possuía escola nem posto de saúde, não havia energia elétrica e nem casas de tijolo. Antigamente o povo era animado, faziam festas nas casas dos moradores com forrós à luz de lamparina. Hoje em dia não tem mais isso não.”

(Maria Fartura – 72 anos).

“Antigamente os meninos viviam na praia e correndo no meio do mato. A gente ficava na praia pedindo pra algum pescador levar a gente pra pescar. Nessa época, só ia pra escola quem queria porque não era obrigado não. Tanto que eu nem fui pra escola, eu só queria saber de pescar.”

(Seu Quita – 70 anos).

A partir da pesquisa constatou que a atividade de agricultura da Reserva Extrativista do Batoque caracteriza-se pelo predomínio do trabalho familiar agrícola. As relações de ajuda entre familiares e os vizinhos da comunidade estão presentes nas relações de trabalho. A maioria das

famílias pesquisadas possuem laços sanguíneos e de compadrio com os seus vizinhos, estes são tios, primos, campadres, irmãos. No Batoque também é possível ver grupos familiares diferenciados trabalhando na mesma plantação e dividindo a produção. Foi observado um baixo nível tecnológico na produção agrícola local, normalmente as pessoas utilizam técnicas simples passadas no núcleo familiar. A agricultura do Batoque abrange a produção para autoconsumo (subsistência) e também para comercialização da produção. Os canais de comercialização são a partir de atravessadores que escoam a produção para diversos destinos, como a CEASA (Centro de Abastecimento do Ceará), Fortaleza, e regiões próximas. A agricultura na comunidade contempla as funções de inclusão social e segurança alimentar na prática da atividade.

O processamento dos produtos é geralmente feito pelas mulheres, que também cultivam (cheiro-verde, cebola, pimentão, plantas medicinais e árvores frutíferas) e criam pequenos animais (aves e suínos) em quintais produtivos das suas casas. O quintal produtivo é um espaço de grande diversidade de plantas, na qual se cultivam ou se mantêm múltiplas espécies que fornecem parte das necessidades nutricionais e alimentares da família, reduzindo a dependência por produtos externos, tendo como sua principal função a complementação da dieta dos moradores. Nestes espaços, também há outros produtos, como lenha e plantas medicinais, que se complementam com as criações de animais domésticos de pequeno porte. Na manutenção dos quintais, o manejo tem papel fundamental e está relacionado com o conhecimento do agricultor/a. Diariamente as mulheres limpam a área próxima às casas varrendo as folhas e enterrando-as ao redor dos coqueiros (Santos; Oliveira; Curado 2013).

Os agricultores/as, assim como os pescadores artesanais geralmente acordam cedo, em torno das 4 horas da manhã já é possível ver movimentação nas casas. As atividades agrícolas se iniciam entre as 5 e 6 horas da manhã, tem uma pausa para almoço e descanso as 11 horas e as 14 horas já é possível ver agricultores nas plantações e atividades extrativistas. Em geral, os espaços cultiváveis na reserva são compostos pela vazante comunitária do Batoque e por vazantes particulares espalhadas pela reserva. Os agricultores cultivam tanto na vazante comunitária como nas vazantes particulares. No entanto, muitos agricultores preferem trabalhar nas vazantes particulares, mesmo que nestes espaços eles estejam trabalhando empregados na produção de outra pessoa. Os motivos são geralmente ligados à desorganização da vazante comunitária, na qual há conflitos de uso e ocupação.

### *A pesca artesanal*

No Batoque são realizadas dois tipos de atividade extrativistas relacionadas à extração de recursos pesqueiros: a pesca continental – realizada nas lagoas e no manguezal e a pesca marítima – realizada no mar longe e mais próximo da costa. Com relação à pesca no manguezal e na lagoa, estas são realizadas basicamente como forma de subsistência, assim como a agricultura e a criação de animais realizada pelos pescadores. Geralmente os pescadores que atuam no mar, se dividem entre a pescaria de subsistência e a comercialização. Nas pescarias “de ir e vir” (que são pescarias que duram no máximo 4 horas e são realizadas com paquetes e botes) a produção é pouca e o destino do pescado é principalmente para consumo familiar, havendo pequenas vendas para a comunidade, no entanto, nas pescarias “de dormida” (pescarias de até 5 dias feitas com jangadas) que gera uma grande extração de recursos pesqueiros os pescadores relataram que

parte da produção é para subsistência e venda para a comunidade, principalmente para os donos de barraca e a maior parte da produção destina-se a venda para os atravessadores, que também são chamados de marchantes. Marchante é o comerciante (que pode ser um pescador ou não) que compra o peixe que chega do mar e é responsável por revender a produção para outros. O ponto positivo do marchante é venda certa da pescaria e o ponto negativo apresentado é o valor de venda reduzido do pescado.

Na praia do Batoque é possível ver a jangada (jangada de vela), o paquete (jangada menor) e o bote (jangadinha a remo) diariamente, encalhados e/ou saindo para o mar. Estas são os três tipos de embarcações mais utilizadas na reserva para pescarias marítimas.

Geralmente os pescadores da reserva se reúnem para pescar em sociedade, que pode reunir membros de uma mesma família (pais, filhos, irmãos, tios...) ou de famílias diferentes, mas todos pertencentes a reserva. Além de pescar há aqueles que se identificam também com a prática da agricultura e a pecuária, onde interagem os ciclos produtivos marítimos e agrícolas. A atividade de pesca é um elemento que guia a identidade social do grupo de pescadores artesanais da reserva, pois além de ser uma atividade produtiva que garante a condição de existência e sobrevivência dos que a praticam, ela engloba um modo de viver que dá sentido as famílias.

Os utensílios e materiais de pesca utilizados durante as pescarias no mar são organizados pelo pescador e pela esposa/companheira deste, daqueles que são casados. O pescador no dia da pescaria organiza no barco os materiais necessários para a pescaria: (1) as artes de pesca: redes, linhas, iscas e anzóis; (2) a comida que vai ser consumida (arroz, farinha e às vezes frutas, o complemento da alimentação vem do peixe que é capturado na pescaria), utensílios para cozinhar como *fogareiro* (material para fazer fogo com carvão, querosene e fósforos), panelas, colheres, copos e facas, roupas, lanternas, lamparinas e outros utensílios: estes tem que ficar protegidos da água então são guardados no *porão* do barco; (3) o galão com água doce (4) o gelo para conservação do pescado é aguardo no compartimento de isopor; (5) a cuia de vela: utilizada para molhar a vela com água do mar para o *pano* ficar pesado e o vento passar menos fácil pela vela empurrando a embarcação com mais força, fazendo com que esta adquira velocidade; (6) o *samburá*: cesto de cipó utilizado para guardar peixes e artes de pesca; (7) as cordas: essencial para amarrar equipamentos e para descer a *fateixa* para ancorar a embarcação; (8) a *fateixa*: utilizada para ancorar a embarcação nos pontos pesqueiros. Também são levadas bebidas como vinho e cachaça e também cigarros. Alguns pescadores comentaram “*a bebida é a alegria do pescador que vai passar muitos dias no mar*”. Geralmente cada tripulante da jangada leva coisas pessoais e para dividir com o grupo. Outros utensílios também são utilizados, de acordo com a necessidade da pescaria, mas estes foram os principais citados nas entrevistas.

A atividade pesqueira é um exemplo de uma atividade humana que representa uma modalidade de uso do espaço comum, no qual o uso é delimitado por regras instituídas pelos costumes. Muitas das técnicas utilizadas atualmente para a prática da pescaria e também para agricultura familiar foram transmitidas historicamente entre os familiares e entre membros da comunidade.

### *Uso e ocupação territorial*

Com o decorrer do tempo novas famílias vieram habitar o Batoque, iniciando um processo mais intenso de instalação de residências que ocuparam vários locais da praia, dependendo das

atividades desenvolvidas. A energia elétrica só chegou em 1993, e com o crescimento urbano mudanças socioculturais começaram a se processar com mais intensidade. Houve uma modificação da configuração ambiental do território, pois os processos de ocupação humana com as instalações de residências ocuparam as dunas, as proximidades da lagoa, o manguezal e a faixa de praia. De um modo geral, a ocupação no Batoque ocorreu de modo lento ao redor da extensão da Lagoa do Batoque, como já foi citado anteriormente. Resumidamente, a partir das observações *in loco*, a ocupação inicial do Batoque ocorreu da seguinte maneira: (1) pescadores artesanais: embora por toda a reserva haja famílias de pescadores, os principais núcleos residenciais se localizam mais próximo à faixa de praia; (2) agricultores familiares: em sua maioria ocupam os setores da lagoa costeira na região das vazantes, chamada de Marisco; (3) comerciantes: localizam-se principalmente na rua principal que dá acesso ao mar, a chamada rua da praia e na faixa de praia (em frente ao mar), onde neste local fixaram barracas para venda de bebidas e alimentos para turistas, além desta área servir de ancoradouro para as jangadas e paquetes; (4) comunidade em geral: as áreas de dunas móveis e fixas foram sendo utilizadas para a expansão urbana e vias de acesso. Segundo Vidal (2006), os problemas referentes à ocupação das dunas móveis estão relacionados à ação das areias, que pelo seu movimento dinâmico e natural invadem partes das residências.

Há uma grande riqueza cultural na comunidade, os diversos grupos sociais que ocupam o Batoque historicamente possuem características próprias construídas localmente e através de processos de interação com as outras comunidades, as principais sendo Pindoretama, Casvavel, Caponga e Balbino. Há na comunidade a valorização da família, com uma construção social assentada em laços sanguíneos, na tradição e nos costumes do lugar, enfim, um modo de vida próprio construído através de gerações. No entanto, foi perceptível que fatos históricos mudaram a dinâmica de vida da comunidade, e pelos relatos ouvidos, a história da comunidade do Batoque é marcada por instabilidade e muitos conflitos.

A comunidade do Batoque começa a ver mudanças na sua realidade a partir de 1980, decorrente do processo de *valorização do espaço costeiro do Ceará*, que tem início na década de 1970. Essa nova realidade instaurou uma disputa histórica, alicerçada em processos de luta pela permanência na terra. Estes conflitos evidenciaram o apontar de formas de desagregação e afirmação do modo de vida dos pescadores e marisqueiras, diante das formas modernas de viver na zona costeira (Lima 2006). A territorialidade na comunidade funcionou como um fator de identificação, defesa e força, no processo de disputa pelo território.

### *Conflitos territoriais*

O processo de valorização dos espaços litorâneos no Ceará ocorreu a partir do final do século XX. Durante as décadas de 1960-1970, o *olhar* sobre o ambiente costeiro mudou, pois surgiram novos usos do espaço litorâneo, inclusive o uso como espaço de veraneio, de residência, de lazer, e de turismo, o que resultou na instalação de complexos imobiliários turísticos, os chamados *resorts* (Barbosa 2011; Mendes, Lima, Coriolano 2004; Lima 2002). No entanto, esta intensa ocupação urbana da zona costeira trouxe uma série de impactos ambientais e sociais nas últimas décadas, vulnerabilizando diversas comunidades tradicionais que habitam a zona costeira. Estas comunidades entram em confronto pela posse da terra e pela continuação e afirmação dos seus modos de vida, com diferentes atores sociais como especuladores imobiliários, grileiros,

veranistas, empreendedores turísticos, turistas e até o Estado, com suas obras desenvolvimentistas (portos, usinas eólicas, barragens e outros semelhantes) (Lima 2006; Meireles 2006).

Apesar da ocupação histórica das terras em frente ao mar, comunidades tradicionais de pescadores são vistas como obstáculos pelos especuladores, enquanto são estes que se apropriam das terras, quase sempre, por meio de meios ilegais. Esses confrontos pela posse da terra são movidos por processos de resistência e eclodem em várias comunidades do litoral leste do Ceará – Redonda, Esteves, Canoa Quebrada, Prainha do Canto Verde, Uruaú, Barra Velha, Balbino e Batoque – e no litoral oeste – Apiques, Flecheiras, Capim Açú e Tatajuba (Lima 2005).

Foi justamente este processo de luta em defesa do território, que ajudou a construir a comunidade do Batoque como está atualmente. Muito além de constituir a reserva, o povo do Batoque passou a se organizar como uma comunidade, quando teve que se unir para lutar pela posse da terra. Foram muitos os conflitos enfrentados pela comunidade contra a especulação imobiliária, grileiros e especuladores de terras, inclusive dentro da própria população. Tudo teve início por volta de 1980, quando as belezas naturais e a tranquilidade da praia do Batoque atraiu pessoas com interesses econômicos voltados principalmente para a especulação fundiária com objetivos turísticos.

Os conflitos socioambientais e a luta pela posse da terra entre a comunidade e os agentes externos e internos duraram mais de uma década. Em 1997 a comunidade – tendo como representação a Associação de Moradores do Batoque – solicitou a criação de uma Reserva Extrativista ao Ministério Público a partir do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) e com o apoio direto do Núcleo de Educação Ambiental (NEA-IBAMA).

A comunidade do Batoque solicitou a constituição de uma reserva extrativista no local porque queria se ver livre da especulação fundiária que assolava a zona costeira e o Batoque. No entanto, o processo para constituição da Reserva Extrativista do Batoque somente ocorreu oficialmente em 1999. Assim, após acomodação dos parâmetros legais e burocráticos no Ministério Público Federal que incluía entre outros regulamentação de áreas destinadas ao uso sustentável; zoneamento territorial; oficinas e seminários realizados na comunidade pelo NEA-IBAMA-CE para o entendimento dos instrumentos de gestão participativa, criou-se a partir do Decreto de 5 de junho de 2003 a Reserva Extrativista do Batoque, a primeira Reserva Extrativista do Ceará.

## CONCLUSÃO

Para se compreender o processo de formação socioambiental da comunidade do Batoque foi necessário compreender o processo maior que envolvia a ocupação territorial do litoral de Aquiraz. Percebeu-se que a intensa ocupação urbana da zona costeira trouxe uma série de impactos ambientais e sociais nas últimas décadas, o que deixou vulnerável muitas comunidades tradicionais. Numa análise maior da situação vigente é possível concluir que os atores sociais que estão integrados a dinâmica do desenvolvimento e que não se preocupam com a sustentabilidade socioambiental tem produzido fortes impactos e efeitos de desestruturação dos ecossistemas e dos povos que utilizam estes para sustentar seus modos de vida. O turismo massificado tem colaborado com a concentração de renda e a transmissão de impactos indesejáveis sobre o meio ambiente e sobre as populações humanas. A criação de um espaço territorial protegido, como se concretizou na comunidade do Batoque, foi um instrumento estratégico para proteger a terra pertencente à população que vive nela por gerações.

Os recursos naturais para as comunidades tradicionais não apresentam o mesmo sentido para empresários do turismo, enquanto que para um tem valor de vida, simbólico e cultural, para o outro tem valor de troca e monetário. É concluído então, que o mesmo valor dado ao uso e ocupação da terra pelas comunidades tradicionais não é semelhante ao *valor* que o capital econômico da especulação imobiliária atribui, é notório então, que há inúmeros conflitos de interesses em torno da apropriação da natureza.

Com relação à apropriação da natureza e percepção sobre as modificações socioambientais que o território do Batoque passou ao longo do tempo, observou-se com a pesquisa que a população do Batoque possui um aguçado e rico conhecimento sobre as modificações sociais e ambientais do ambiente em que vive. As lembranças sobre o Batoque de antigamente e o atual aparecem em todo o texto, é possível observar que durante todo o processo histórico de formação da comunidade do Batoque a utilização dos recursos naturais é ponto central. A consciência do ambiente pela população tradicional de agricultores e pescadores do Batoque, ou seja, o ato de perceber o ambiente que se está inserido é um fator fundamental que guia o aprendizado diário, o ato de conservar e cuidar do mesmo.

Também é preciso considerar que o ser humano modifica o meio em que vive, e às vezes estas intervenções são negativas e desequilibram o meio, como pode ser observado no texto a partir dos relatos sobre o acúmulo de lixo nas ruas do Batoque, no manguezal, na *provável* eutrofização de partes da lagoa do Batoque por motivos relacionados à poluição do meio aquífero, ocupação desordenada da faixa de praia e dunas entre outros semelhantes. Apesar de a influência antropogênica causar impactos construtivos e destrutivos, pode-se constatar que a concentração e posse dos territórios e dos recursos naturais por atores sociais que praticam atividades tradicionais é fator essencial para se garantir a sustentabilidade dos ecossistemas.

A história da comunidade do Batoque é marcada por instabilidade e muitos conflitos. Mas, mesmo diante de confrontos que marcaram o desenvolvimento das relações sociais no Batoque (que agregaram e desagregaram os grupos sociais), há na comunidade a valorização da família – com uma construção social assentada em laços sanguíneos e de compadrio – da tradição, dos costumes do lugar e das atividades produtivas voltadas para a pesca artesanal e agricultura familiar, que foram aprendidas geralmente, no seio familiar e social. Na Reserva Extrativista do Batoque há um modo de vida próprio construído através de gerações e como em todo grupo social também há seus conflitos.

## REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V. 2005. **Manual de História Oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, PP. 1-49.
- AMATO, C.; NEVES, I. S; RUSSO, A. 2009. **Livro das moedas do Brasil**. São Paulo: s/e, 11ª ed. 432p.
- ARARIPE, V. A. S. 2012. **Análise do desenvolvimento socioespacial da Praia do Batoque-CE, ante a transformação em Reserva Extrativista**. Dissertação (mestrado). Programa de Pós Graduação em Geografia do Instituto de Geociências e Ciências Exatas/UNESP – Rio Claro – São Paulo. Rio Claro : [s.n.], 130 f.
- ARAGÃO, R. B. Índios do Ceará e Topônimos Índigenas. Fortaleza, Barraca do Escritor Cearense. 1994.

- ASSIS, L. F. 2006. Residências secundárias: expansão e novos usos no litoral cearense. In: SILVA, J. B; DANTAS, E. W. C; ZANELLA, M. E; MEIRELES, A. J. A (Orgs.). **Litoral e Sertão: natureza e sociedade no nordeste brasileiro**. Fortaleza: Expressão Gráfica, pp.289-305.
- BALÉE, W. L. 1998. **Advances in Historical Ecology**. Historical Ecology Series, New York: Columbia University Press. 334p.
- BARBOSA, A. G. 2011. **Turismo e produção do espaço litorâneo: modernização e contradições socioespaciais em João Pessoa – PB**. Cadernos do Logepa. v. 6, n. 1, p. 58-75, jan./jun.
- BERKES, F; KISLALIOGLU, M; FOLKE, C; GADGIL, M. 1999. **Exploring the basic ecological unit: ecosystem-like concepts in traditional societies**. *Ecosystems*. p. 409-415.
- BOFF, L. 1996. **Ecologia: Grito da terra, grito dos pobres**. Rio de Janeiro: Editora Ática. 2º ed.
- BRAID, E. C. M. 2004. **Reserva Extrativista do Batoque: contextualização ambiental e proposições de ordenamento ambiental sustentável, Aquiraz-Ceará-Brasil**. Tese de doutorado em Planificação Territorial e Desenvolvimento Regional – Faculdade de Geografia e História, Universidade de Brcelona, 290p.
- BRANDON, K; REDFORD, K; SANDERSON, S (Eds.). 1998. **Parks in Peril. People, Politics, and Protected Areas**. Washinton, DC: Island Press for the nature conserbancy. 519p.
- CASTRO, E. M. 2012. **Diagnóstico socioeconômico dos pescadores da Reserva Extrativista do Batoque, Aquiraz/ CE**. Monografia (graduação). Departamento de Engenharia de Pesca. Universidade Federal do Ceará – UFC. 56f.
- COLENAM, J. S. 1981. **Snowball sampling: Problems and tecchniques of chan referal sampling**. *Sociological Method Reserach*. V. 10, p. 141-163.
- CLIFFORD, J. 2011. **A Experiência Etnográfica: Antropologia e Literatura no Século XX**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 248p.
- DIEGUES, A.C.; ARRUDA R.S.V.; Silva V.C.F; FIGOLS, F.A.B; ANDRADE, D. 2000. **Biodiversidade e comunidades tradicionais no Brasil - Os Saberes tradicionais e a biodiversidade no Brasil**. Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal. COBIO – Coordenadoria da Biodiversidade. NUPAUB- Núcleo de pesquisas sobre populações humanas e áreas úmidas. São Paulo, 189 p.
- DIEGUES, A.C. 2001. Repensando e recriando as formas de apropriação comum dos espaços e recursos naturais. In: DIEGUES, A, C; MOREIRA, A, C, C (Org.). **Espaços e Recursos Naturais de Uso Comum**. NUPAUB – Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e áreas Úmidas Brasileiras. USP- São Paulo. p. 97-124.
- DIEGUES, A.C. 2002. **O mito moderno da natureza intocada**. 4º Ed. Ed. Hucitec. NUPAUB – Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e áreas Úmidas Brasileiras. USP- São Paulo, 161 p.

- DIEGUES, A. C; VIANA, V, M (Org.). 2004. **Comunidades tradicionais e manejo dos recursos naturais da Mata Atlântica**. 2º Ed. Editora Hucitec. NUPAUB/CEC. São Paulo, 273p.
- GEERTZ, Clifford. 1988. **Works and lives: The anthropologist as author**. Winner of the National Book Circle Award for Criticism. p.153.
- GEERTZ, Clifford. 2002. **O saber local – Novos Ensaios em Antropologia Interpretativa**. Tradução de Vera Mello Joscelyne. 5º ed. Petrópolis: Editora Vozes. 366p.
- GEERTZ, Clifford. 2008. **A interpretação das culturas**. 1º Ed. 13. reimp. – Rio de Janeiro: LTC, 323p.
- GOODMAN, L. 1961. Snowball Sampling. In: **Annals of Mathematical Statistics**, 32:148-170.
- HARRIS, M. 1976. **History and Significance of the Emic/Etic Distinction**. Source: Annual Review of Anthropology, Vol. 5, p. 329-350.
- HAESBAERT, R. 2004. **Dos múltiplos territórios á multiterritorialidade**. Texto de discussão. Porto Alegre. 20p.
- HAESBAERT, R. 2007. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. 3º ed. revista. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 400p.
- LEFF, Enrique. 2001. **Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. Tradução: Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 243p.
- LEEF, E. 2007. **Epistemologia ambiental**. Tradução: Sandra Valenzuela, 4 ed. revista, São Paulo: Cortez. 239 p.
- LIMA, Maria do Céu. 2002. **Comunidades pesqueiras marítimas do Ceará: território, costumes e conflitos**. Teses de doutorado em geografia humana. São Paulo: FFLCH/USP.
- LIMA, Maria do Céu. 2005. Comunidades pesqueiras marítimas: mariscando resistências. In: SILVA, J. B; CAVALCANTE, T. C; DANTAS, E. W. C (Org.). **Ceará: um novo olhar geográfico**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, pp. 281-299.
- LIMA, Maria do Céu. 2006. **Pescadores e pescadoras artesanais do Ceará: modo de vida, confrontos e horizontes**. Mercator – Revista de geografia da UFC, ano 05, número 10.
- LITTLE, P. E. T. 2002. **Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade**. Série Antropologia. UNB - Universidade de Brasília.
- MALINOWSKI, B. 1978. Introdução: tema, método e objetivo desta pesquisa. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo. pp.17-34.
- MENDES, E. G; LIMA, L. C; CORIOLANO, L. N. M. T. **Os embates da reestruturação do espaço litorâneo cearense pelo turismo**. Mercator – Revista de Geografia da UFC, ano 03, número 06, pp. 43-52. 2004.

MEIRELES, A. J. A. 2006. **Danos ambientais na zona costeira cearense**. Artigo publicado no livro *Racismo Ambiental* (2006) pelo Laboratório de Estudos de Cidadania, Territorialidade, Trabalho e Ambiente (Lactta) da UFF em parceria com o Projeto Brasil Sustentável e Democrático (BSD/Fase). 13p.

MEIRELES, A. J. A. 2008. **Impactos ambientais decorrentes da ocupação de áreas reguladoras do aporte de areia: a planície Costeira da Caponga, município de Cascavel, litoral leste cearense**. Revista franco-brasileira de geografia. Número 2. Disponível em: <http://confins.revues.org/2423>. Acesso em: 11 de abr. de 2015.

MEIRELES, A. J.; ARRUDA, M. G. C.; GORAYEB, A. 2005. **Integração dos indicadores geoambientais de flutuações do nível relativo do mar e de mudanças climáticas no litoral cearense**. Mercator - Revista de Geografia da UFC, ano 04, número 08, pp.109-134.

MENDES, E. G.; LIMA, L. C.; CORIOLANO, L. N. M. T. 2004. **Os embates da reestruturação do espaço litorâneo cearense pelo turismo**. Mercator – Revista de Geografia da UFC, ano 03, número 06. pp. 43-52.

PEREIRA, A. Q. 2006. **Veraneio marítimo e expansão metropolitana no Ceará: Fortaleza em Aquiraz**. Dissertação (mestrado). Departamento de Geografia. Universidade Federal do Ceará – UFC. 157f.

PEREIRA, A. Q.; ARAÚJO, E.; JÚNIOR, T. S.; SILVA, M. N.; SILVEIRA, B. 2013. **Maritimidade na metrópole: Estudos sobre Fortaleza**. Porto Alegre: Editora Liro. 165p.

PINHEIRO, F. J. Mundos em Confrontos: povos nativos e europeus na disputa pelo território. In: SOUZA, Simone de (Org.) **Uma nova História do Ceará**. 2. ed. Rev. e atual. Parte I: Cultura e Poder. Fortaleza: Ed. Demócrito Rocha, pp.17-55. 2002.

POSEY, D. A. 1983. Indigenous ecological knowledge and development of the Amazon. In: Moran, E. F. (Ed.) **The dilemma of Amazonian development**. Westview, Boulder. pp. 225-257.

POSEY, D. A. 1999. Introduction: Culture and nature – the inextricable link. In: POSEY, D. A. (Ed.). **Cultural and spiritual values of biodiversity**. Nairobi: United Nations Environment Programme.

OLIVEIRA, M. C. de. 1983. **Paisagem, Meio Ambiente e Planejamento**. Rev. IG, São Paulo, 4(1/2): 67-78, jan./dez.

OLIVEIRA, R. C. 2006. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: **O trabalho do antropólogo**. 3 ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora Unesp. pp. 17-35.

OLIVEIRA, G. G.; MEIRELES, A. J. A. 2010. **Dinâmica geoambiental a partir da “litoralização” de Aquiraz, Ceará, Brasil**. REDE – Revista eletrônica do PRODEMA. Fortaleza, v. 5, n.2, pp. 50-68.

POSEY, D. A. 1983. Indigenous ecological knowledge and development of the Amazon. In: Moran, E. F. (ed) **The dilemma of Amazonian development**. Westview, Boulder. pp. 225-257.

ROCHA, A. L. C; ECKERT, C. Etnografia: saberes e práticas. In: PINTO, C. R. J; GUAZZELLI, C. A. B. **Ciências humanas: pesquisa e método**. Porto Alegre; Editora da Universidade, 2008.

ROCHA, A. M; LIMA, L. C; CORIOLANO, L. N. M. T. 2004. **A luta pelo direito à terra, cultura, turismo e desenvolvimento local: o caso de Batoque-Aquiraz-CE**. Artigo. 15p.

STEVENS, S (Org.). 1997. **Conservation through cultural survival: indigenous peoples and protected áreas**. Island Press.

SANTOS, Milton; SOUZA, M. A; SILVEIRA, M. L (Org.). 1998. **Território – Globalização e Fragmentação**. Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional – ANPUR. 4°. São Paulo: Ed. Hucitec. 331p.

SANTOS, A. S. dos; OLIVEIRA, L. C. L. de; CURADO, F; AMORIM, L. O. do. **Caracterização e desenvolvimento de quintais produtivos agroecológicos na comunidade Mem de Sá, Itaporanga d’Aguda – Sergipe**. Revista Brasileira de Agroecologia, 2013.

SILVA, E. V. 1987. **Modelo de aproveitamiento y preservacion de los manglares de marisco y Barro Preto - Aquiraz - Ceará / Brasil**. Mestrado em Planejamento Rural em Função do Meio Ambiente. Instituto Agronômico Mediterrâneo de Zaragoza. 392f.

SILVA, D. R F. **Reserva Extrativista do Batoque: análise do ensino de geografia contextualizado**. Monografia. Departamento de geografia. Universidade Federal do Ceará – UFC. 2011.

STEVENS, S (Org.). 1997. **Conservation through cultural survival: indigenous peoples and protected áreas**. Island Press.

VIDAL, M. R. 2006. **Proposta de Gestão Ambiental para a Reserva Extrativista do Batoque- Aquiraz/CE**. Dissertação (mestrado). Universidade Federal do Ceará – UFC, Fortaleza. 157f.